

CONHECER A POESIA DE ROSALIA CASTRO

Jorge Alves Barbosa

O meu primeiro contacto com o nome de Rosalia de Castro deveu-se à relação estabelecida, pelos anos oitenta, com a música coral de alguns autores galegos bem como o facto de este nome fazer parte da toponímia da cidade de Viana do Castelo onde moro. Curiosamente, os primeiros textos conhecidos não foram dos mais importantes pois as escolhas dos compositores nem sempre são as ideais, quando eventualmente procuram a facilidade, a acessibilidade de linguagem ou mesmo uma certa popularidade. Animado pela natural curiosidade de conhecer um pouco melhor a autora, um dia comprei alguns livritos de poesia galega entre os quais *Follas Novas*, que aprecio pela liberdade formal dos poemas embora de mais difícil abordagem musical que os de *Cantares Galegos*. Quando, mais tarde, me propus fazer um primeiro trabalho original destinado a um concurso de composição galega que por sinal viria a receber o Primeiro Prémio, fixei-me num tema “muito galego” de *Follas Novas*, cujo texto iniciava com “*Que hermosa te dou Deus terra querida*”, que realizei para voz solista e coro, em jeito de breve Cantata Coral, com uma linguagem simples e acessível onde procurei captar o sabor da melodia galega. Nessa altura li todo o livro, e pareceu-me ver mesmo em Rosalia um pouco da alma portuguesa: o sentimento, a saudade, a nostalgia da terra distante, uma certa revolta interior pelos infortúnios da vida, uma religiosidade sincera embora um tanto rebelde. Por isso, não é tanto o ar nacionalista, que perpassa muita desta poesia, a motivar alguém, estrangeiro como eu, para a sua leitura e abordagem musical, e quando muita gente por cá se admira do meu interesse por ela, eu respondo ter encontrado ali algo da nossa poetisa Florbela Espanca, alguém que viveu um pouco depois de Rosalia, mas a ela muito semelhante até nos traços físicos, e cujos sonetos assumem muito dessa alma portuguesa que vejo retratada na poetisa de Padrón.

Ao ler os seus poemas fui-me fixando em alguns que eventualmente gostaria de musicar: uns que, estruturalmente, apontam para as dimensões da Cantata,

outros que encaixam particularmente nas dimensões do *Lied* ou *Canção*. Não aprecio muito certas versões “ligeiras”, em composições conhecidas que, em meu entender, deturpam o sentido e empobrecem o conteúdo dos poemas em nome de uma divulgação que facilmente roça a vulgaridade. Rosalía não tem sido particularmente favorecida por muitos dos que escreveram música para os seus poemas. No meu caso, procurei fazer algo de diferente. Depois do tema anteriormente citado, acabei por realizar, também para um concurso de composição, outro tema – “*Diredes destes versos*” – o qual constituiu um desafio especial para mim; a afirmada incompreensibilidade dos seus versos, “que teñen estraña e insólita harmonia”, seria tratada numa música um tanto mais difícil e elaborada, com mistura de linguagens que iam desde o modal ao atonal e estilos desde o recitativo ao antigo “*ricercare*”. Procurei ali uma adesão estrita da música ao texto, o que resultou numa obra tensa e particularmente expressiva e difícil.

Marquei então mais alguns poemas que ficariam “na gaveta” aguardando uma oportunidade; esta haveria de surgir anos mais tarde quando me propus musicar alguns textos numa abordagem da forma *Lied*. Fiz uma escolha aleatória, de acordo com a impressão do momento, mas que acabou por resultar num ciclo com alguma coerência a que chamei *Follas Rosalianas*, para Voz e Piano. Utilizei uma linguagem estritamente modal, muito próxima do canto gregoriano que conheço e cultivo particularmente, nomeadamente por duas razões: em primeiro lugar, a sintonia com o tempo a que remontam os poemas e que assistiu também à redescoberta da modalidade e, em segundo lugar, o ambiente que se respira dos poemas rosalianos, envoltos por uma certa liturgia cósmica: a evocação dos sinos, das catedrais, da morte e anseio pela imortalidade. Como escrevi na introdução dessa obra, “a selecção dos poemas para a elaboração de um ciclo com uma dimensão razoável foi ganhando forma, no verdadeiro sentido da palavra, pois, sem o esperar à partida, acabei por encontrar um conjunto de poemas que acabavam por constituir uma espécie de unidade representativa de uma auto-biografia da autora, nomeadamente através de uma estranha proximidade de temas como o sofrimento, a dor e a morte. E assim encontrei este grupo de nove temas, nove poemas – foram nove porque não haveria mais – que traçam o que poderíamos chamar um itinerário marcado pela saudade, pela reacção, pelo protesto contra

a infelicidade, por uma certa rebelião aliada a alguma resignação perante a morte”. Nessa obra se encontra também muito do que eu poderia dizer sobre as minhas motivações rosalianas. Mas não está longe delas também a natural vontade de identificação com o espírito de uma cultura que partilho em muitos aspectos, não apenas pela amizade de alguns galegos que estimo e desejo retribuir, mas sobretudo porque o Rio Minho, também nestas coisas da cultura e da poesia, nos aproxima muito mais do que nos afasta.

Meadela, 3 de Março de 2011

Jorge Alves Barbosa



Estátua de Rosalia de Castro da autoria do Escultor Barata Feyo
Praça da Galiza – Porto – Portugal